

*Nascentes***A ALEGORIA DE ULUME:
MEMÓRIA QUE CORRE, TEMPO QUE TRANSCENDE***Jéssica Schmitz**

RESUMO: No âmbito dos estudos pós-coloniais, as literaturas africanas em língua portuguesa têm recebido destaque justamente por dar voz àqueles que durante longo período viveram em um silêncio imposto pela política colonialista. As literaturas africanas, por meio de escritores como Pepetela, por exemplo, têm desempenhado o papel de re(construir) e (re)organizar a historicidade das ex-colônias. Como campo de análise, utilizou-se a narrativa *Parábola do Cágado Velho*, de Pepetela, objetivando estabelecer uma relação de sentido entre a história e a memória e, assim, verificar como se dá a representação dos eventos da história, bem como, a construção da memória, identidade e sua relação com o silêncio.

PALAVRAS-CHAVE: África; Identidade; Literatura; Tempo.

Tzvetan Todorov, ao pensar sobre o que a literatura pode e o que representa, afirma que ela pode muito, como nos estender a mão quando

estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2003, p. 76)

A literatura é, pois, revelação do mundo, como uma ponte que liga caminhos ou uma janela entreaberta que faz o horizonte ser quase tangível! E, por ser tudo isso, ela traz ao centro de sua existência as experiências humanas, a relação entre os sujeitos, os seus ruídos e reticências. Nesse contexto, pensar sobre a literatura pós-colonial em um contexto contemporâneo torna-se extremamente significativo, ao possibilitar que os discursos daqueles que, por muito tempo, foram emudecidos sejam trazidos com força e representatividade, reprojutando a oficialidade histórica de discursos ditos “oficiais”.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade FEEVALE.

É assim, portanto, que as literaturas africanas escritas em língua portuguesa permitem que os caminhos de África sejam (re)abertos. Entre as páginas dessas narrativas, a passagem é trilhada por histórias e ruídos de um tempo em que o silêncio era a única verdade conhecida. No plano do tangível, a literatura transcende a essência da perda; ela faz saber “como constituir novas formas do real – formas flutuantes e móveis” (MBEMBE, 2019, p. 230). Uma literatura calcada na transcendência, na (re)escrita do imaginário nacional, tendo como plano de ação a história de centenas de sujeitos que compõem, diariamente, a história de África.

A observância da passagem do tempo e das memórias que nele se projetam figura nos espaços narrativos trilhados pelos escritores africanos. E é isso que se vê na narrativa *Parábola do Cágado Velho*, de Pepetela, uma literatura centrada no indivíduo, na sua identidade e nos silêncios colocados em curso durante a colonização portuguesa.

Pepetela – intelectual de seu tempo –, ao longo de sua jornada como contador de histórias, apresentando as multiplicidades de África, usa sua narrativa para desestabilizar, provocar abalos e sacudir seu leitor. Como intelectual, assumiu o compromisso de (re)contar as tantas histórias de sua terra – Angola. Por meio de suas narrativas, entra-se em contato com uma África que tem a sua identidade assumida, embora, muitas vezes, representada por um borramento micelar, que luta para se desvencilhar das máculas deixadas pela colonização. E vai além.

Em seus escritos, Pepetela evidencia os ruídos causados pelas tantas guerras que foram travadas pelos sujeitos históricos e faz pensar sobre os processos históricos que mantiveram o continente africano como refém de uma supremacia europeia. Ademais, discorre sobre a necessidade de se buscar uma legitimidade na literatura africana como forma de denúncia dos horrores coloniais. Nesse sentido, o pano de fundo de suas narrativas é a guerra travada diariamente pelos sujeitos de África no que tange ao seus desvencilhamentos dos silêncios impostos e trazer suas vozes ao centro. Pepetela lança olhar sobre Angola, perpassa o caminho dos não ditos daqueles que compõem o compêndio imagético da nação.

Assim, não de forma explícita, mas dentro das ramificações diegéticas da representação, a guerra é inserida pelos labirintos discursivos que compõem as narrativas de Pepetela. Em *Parábola do Cágado Velho*, é por meio de Ulume, personagem central da narrativa, que esses labirintos, serão percorridos, em uma constante busca por significação.

O mundo de Ulume – a nascente

Ulume, o homem, olha o seu mundo!

Fernando Pessoa, ao refletir sobre o mundo, dizia “crer no mundo como num malmequer”, porque o via, mas não pensava nele, porque pensar é não compreender. O olhar de Ulume, protagonista de *Parábola do Cágado Velho*, é sensível aos olhos de quem consegue compreender que a guerra fez da utopia uma luta sem fim. Esse homem que olha enxerga as reticências impostas de forma irrisória no curso da vida. Esse mesmo olhar é incerto, vago e silencioso, mas busca uma univocidade nas trilhas percorridas por si e por todos aqueles que, nas margens do tempo, passaram por aquelas chanas¹. E é assim, em cima do monte, que Ulume observa, rememora e esvanece, em um ritual de transcendência:

Todos os dias sobe ao morro mais próximo, senta nas pedras a fumar cachimbo que ele próprio talhou em madeira dura, e espera. A passagem do Cágado velho, mais velho que ele pois já lá estava quando nasceu, e o momento da paragem do tempo. É um momento doloroso, pelo medo do estranho. Apesar de décadas passadas desde a primeira vez. Mas também é um instante de beleza, pois vê o mundo parado a seus pés. Como se um gesto fosse importante, essencial, mudando a ordem das coisas. Odeia e ama esse instante e dele não pode escapar. (PEPETELA, 2005, p. 10)

Talhados pela espera, os ruídos da guerra fazem-se presentes na vida daqueles que ainda sonham com um amanhã melhor. Por mais que a guerra tenha findado, os conflitos diários entre a memória e a identidade ainda tornam a vida dura. Viver no Kimbo passou a ser sinônimo de luta e resistência, além de motivo para constante inquietação. A esperança de dias melhores também não se esvaiu. A passagem dos dias, na obra *A Parábola do Cágado Velho* segue, assim, um curso diferente, pelo menos, aos olhos de Ulume, personagem central da narrativa, que vive e sente o seu mundo de modo singular. Para a personagem, por vezes,

a terra lhe parece estranha. Fica num planalto sem fim, embora se saiba que tudo acaba no mar. Chanas e cursos de água por toda a parte. Junto dos rios tem florestas, nalguns pontos apenas muxitos, aquelas matitas húmidas. As elevações são pequenas, excepto a Munda que corta a terra no sentido norte-sul. Nunca se vê o cume da Munda, sempre encoberto por espessos nevoeiros. (PEPETELA, 2005, p. 9)

Envolta nas máculas do silêncio, a estranheza que a terra lhe causa dissolve-se com as memórias banhadas pelas águas do tempo e alocadas na afonia de Ulume, que busca, por meio da paragem do tempo, sincronismo para a vida. O Kimbo, a chana, os rios representam,

¹ O mesmo que Savana

para o homem que olha, o labirinto do desconhecido. É assim, por meio de bifurcações e consonâncias, que se adentra no espaço habitado pela personagem. O romance de Pepetela envereda, nesse sentido, pelas insistentes batalhas travadas durante um longo e conturbado período que assombrou a África. Por conta disso,

é possível afirmar que “a ficção de Pepetela se caracteriza por um constante e lúcido olhar sobre a história de Angola. Uma história a contrapelo, transfigurada por uma escritura alegórica que investiga os interstícios e não-ditos do que ficou reprimido nos desvãos do imaginário social angolano. (SECCO, 2009, p. 151)

Concomitantemente à necessidade de investigar a condição de sujeito pós-colonial, o espaço-tempo do romance é marcado por dois rastros fundadores significativos: as guerras históricas, que entrecruzaram o campo do habitável e do imagético, e os conflitos de ruptura do sujeito. Ainda sobre o espaço-tempo do romance, Carmen Lúcia Tindó Secco (2009, p. 161) afirma que o percurso rememorativo traçado

ênfatisa que o processo histórico angolano sempre foi pontuado por guerras. Primeiro, as étnicas, entre sobas, inscritas no campo do sagrado, motivadas pela disputa de espaços e alimentos. Depois, as guerras por braços escravos, caracterizada pela exploração dos brancos, pela prepotência dos colonizadores. A seguir, registra a grande revolta que dizimou tantas aldeias, mas que culminou com a Independência e ocasionou um período de paz, embora curto, porque, logo após o 11 de Novembro de 1975, veio a guerra civil, moderna, cuja nação nefasta, fraticida espalhou fome, doenças, miséria e desencanto por toda parte do país.

Como se pode observar na reflexão de Secco, as constantes guerras, que parecem ter se enraizado na nação angolana, figuram pelos entrelugares, inscritos no plano da narrativa de Pepetela. Desse modo, a passiva desorientação causada pela política dominadora portuguesa fez surgir, nos espaços de África, a relativização da cultura, da tradição e da própria identidade dos indivíduos. A esse ponto, seguindo a ideia da relativização e, mais precisamente, do entre-espaço, Bhabha (2003, p. 210) afirma que se está diante de uma

nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. A nação barrada Ela/Própria (*it/ Self*), alienada a sua eterna autogeração, torna-se um espaço limiar de significação, que é marcado *internamente* pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povo em disputa, por autoridades antagônicas e por locais tenso de diferença cultural.

Essa alienação a que Bhabha (2003) se refere leva à compreensão de que a lucidez do espaço-ser foi corrompida pela política da dominação. Assim, não é ao acaso que a terra parece estranha aos olhos de Ulume. Essa estranheza, aliás, paira sobre Angola e todos os outros países que ficaram reféns da ditadura europeia.

É assim, por meio de uma releitura temporal, em que passado, presente e futuro se entrelaçam, que se adentra no universo de Ulume e de seu processo de reflexão e rememoração. Ora ele se vê estático, esperando o vazio acontecer, ora rememora, tentando voltar a um tempo que não lhe parece mais tangível, mas que paira sobre si, como sombra reveladora de sentido. A personagem, corrompida pela ação do tempo e pelas próprias angústias, tenta seguir o curso que a vida lhe impôs. Assim, ao lado da esposa Muari e dos filhos Luzolo, o mais velho, e Kanda, o mais novo, Ulume busca o reequilíbrio, vivendo no Kimbo, ao pé da Munda, esperando o tempo passar.

Nesse contexto, o romance evidencia, por meio das entrelinhas discursivas, os percalços simbólicos inscritos no campo da tradição e da memória, estremecidos pelos ruídos das guerras, como já visto anteriormente, que assombraram os kimbo Angola afora. O espaço passado é revisitado para compreender o espaço presente, por meio de analogias, ou seja, a tradição é revisitada e o tempo presente se ergue em consonância com essa tradição. Secco (2009, p. 161), ao referir-se à narrativa, pontua que

a enunciação romanesca comanda os entrecruzamentos desses planos temporais. A voz narradora em terceira pessoa, utilizando-se do pretérito imperfeito, traz todas essas memórias inconclusas. Valendo-se, também, em alguns momentos, de interrogações, põe em questão certos costumes da tradição e dos tempos atuais, reavaliando, assim, a história de Angola segundo uma temporalidade múltipla e dialética.

As muralhas do tempo são rompidas por essas interrogações a que Secco (2009) se refere, partindo das vozes evidenciadas na narrativa de Pepetela. A personagem central do romance é apresentada pelo narrador de forma íntima, evidenciando os traços de sujeito do tempo e refém de memórias que ensejam em Ulume a desarticulação com as utopias lançadas, por exemplo, sobre a liberdade almejada. Países, como Angola, Cabo Verde e Moçambique, tal qual Ulume, também foram reféns do tempo, que esculpiu sujeitos fragmentados e engessou, de forma desordenada, a centralidade e a vividez dessas nações. Assim sendo, a tradição, ou melhor, a ancestralidade nesses espaços foi avassaladoramente abalada. Por conta disso, como forma de recuperar e, principalmente, (re)estabelecer a conexão entre esse tempo anterior ao colonizador, as narrativas africanas escritas em língua portuguesa fazem uma incursão para (re)organizar a malha discursiva que serve como matriz fundante da materialidade histórica de África.

Por conta disso, a evidenciação do não regresso ao passado puro permeia a narrativa de Pepetela, como uma alegoria do não dito. O passado passa a ser (re)inventado como forma de estabilizar um presente conturbado e ainda ameaçado pelos discursos dominantes. Esse

conflito discursivo retém em Ulume os anseios de não poder reequilibrar-se, uma vez que, em sua constituição como indivíduo africano, as marcas das tantas guerras travadas em seu espaço habitado ensejam o seu deslocamento. Como um borramento de sua memória latente, Ulume passa a viver em um devir constante, esculpindo a sua própria utopia.

De tempos em tempos, os ruídos da guerra eram amenizados pela serenidade dos dias, em que tudo parecia calmo, como um rio que segue seu curso. Ulume vivia com a mulher e os filhos em uma aldeia onde, por um tempo, a fartura era comemorada e as plantações iam bem.

A lavra de mandioca foi limpa, a naka recebeu milho e batata e legumes, o gado se multiplicou. As tradições foram deitadas para trás e também ele trabalhava nos campos com as mulheres. A guerra tinha feito esquecer os orgulhos de macho, já não era vergonha capinar e colher. (PEPETELA, 2005, p. 16)

Essa passagem evidencia essa (re)significação da tradição, uma vez que, no curso da história, quem sempre cuidou da lavoura foi a mulher. Assim, mais uma vez, percebe-se a desestruturação causada pelas guerras. Conte (2013, p.3) afirma, nesse sentido, que

o desconcerto do espaço físico hostiliza os intérpretes sociais e não permite sua assunção. O lugar deixado pela colonização portuguesa é, categoricamente, des-norteante e inóspito. É quando são buscados outros espaços possíveis de serem habitados, para que se pudesse recuperar o estar-pleno da tradição, que se percebe que neste momento da História se está perdendo os sentidos fundadores da cultura tradicional.

A utopia de Ulume envereda, pois, pelos espaços habitados por ele e sua família. O kimbo era o lugar onde ele se via envolto pelos determinismos discursivos que acompanhavam a sua história como sujeito. Era ali que ele havia crescido, rodeado de crenças e guerras, que esculpiram, em sua memória, a tênue relação com a terra, de tal modo que não lhe permitia compreender, por exemplo, a partida dos filhos, Luzolo e Kanda. As suas cicatrizes passaram a ser atenuadas, quando ele, Ulume, apercebeu-se de que a guerra não levava somente os ideais e a esperança, mas levava também os filhos.

Perdeu um, naquele dia que vieram os carros e Luzolo se meteu num deles, juntamente com outros jovens. A mãe chorava, queria segurar no filho, ele disse deixe mãe, depois volto. Nunca mais. [...] Perdeu o segundo filho, da mesma maneira que o primeiro. Kanda entrou no carro, adeus gente, levou apenas um saquinho com as suas coisas. (PEPETELA, 2005, p. 24)

Luzolo e Kanda haviam estudado fora do Kimbo e, ao alcançar uma idade madura, passaram a ter contato com outras realidades, que não eram muito compreendidas pelo pai. Embora Ulume reconhecesse que a tradição, de certo modo, ficara para trás, a ideia de ver

seus filhos partindo em busca de algo que o kimbo não oferecia causava-lhe espanto e inquietação.

A narrativa de Pepetela traz, nesse sentido, ao plano da enunciação, os meandros que perpassam a história de Angola. A obra traz como temática central o sujeito africano deslocado em seu próprio território, assombrado por múltiplas guerras que se projetam para uma imersão interna de conflitos culturais e identitários. Há de se levar em consideração, também, que *Parábola do Cágado Velho* aborda o período conturbado de uma transição entre um estado colonial e pós-colonial, uma vez que a narrativa faz uma “travessia” por todo um período histórico marcado pela aculturação, violência, preconceito e objetificação do indivíduo.

As diferentes ideologias que marcaram o conturbado pós-independência de Angola, em 1975, são representadas pelos dois irmãos, que se separam de sua família e seguem caminhos ideológicos distintos. Conforme Secco (2009, p. 159):

A narrativa de Pepetela, portanto, ao focalizar alegoricamente [...] a inimizade entre os irmãos Luzolo e Kanda, narra, na verdade, uma história subjacente de ódios ancestrais. A animosidade entre os filhos de Ulume alegoria, em última instância, a guerra fratricida travada pela UNITA e pelo MPLA, após a independência.

A União Nacional para a Independência total de Angola – UNITA – e o Movimento pela Libertação de Angola – MPLA, duas frentes que já vinham se formando ainda nas lutas de libertação, fortalecem-se e colocam em curso uma guerra civil, que corrompe o sujeito angolano e invoca, mais uma vez, o descentramento. Em meio a esses embates, com a perda dos filhos para uma guerra de ideologias, que destoam do projeto utópico formado na “Casa dos Estudantes do Império” e representado na *Geração da Utopia*, Ulume perde-se dentro de um momento histórico não tangível, que lhe foge do plano do sentido. O não habitar o plano do racional, da compreensão, faz de Ulume um sujeito que, além de se encontrar em suspenso, como um pêndulo imagético, se localiza na periférica decadência entre o sonho e a ruína.

Assim, o compêndio imagético que circunda a narrativa transpõe os paradoxos assolados pelo deslocamento ao nível da significação. Viver entreguerras, assolado pela perda dos filhos e a não compreensão do espaço-tempo, faz com que Ulume figure na narrativa como um sujeito balizador da sociedade, que está em um espaço não habitável de sentido. A personagem traz o descentramento de um indivíduo deslocado no tempo, desarticulado de suas raízes e que recorre ao silêncio – embasado por suas memórias – como forma de compreender a sua situação fronteiriça e os ruídos que lhe assombram, o que será objeto de análise no item que segue.

A estranha paragem do tempo – o silêncio

O homem histórico, empenhado na tensão e visão fragmentada do conflito econômico e político, sabe que na conjugação do verbo *ser* existe um futuro anterior. (George Steiner)

A idiossincrasia, remissiva ao pensamento colonial, no domínio da linguagem, dissolve a tensão fragmentada que paira sobre o sujeito que contempla o tempo passado. O homem histórico, referido por Steiner (1988), divide a experiência da percepção da realidade com seus silêncios carnavais, articulados com a memória, que lhe aquece o sentido. Assim, o ato de *ser* incita a retirada! Retirar-se para buscar a compreensão e evidenciar aquilo que, aos olhos, não é perceptível. A fala, nesse sentido, emudece o sentido da existência, de modo que o homem santo,

o iniciado, se afasta não apenas das tentações da atividade mundana, mas também da palavra. Sua retirada para a gruta da montanha ou para a cela monástica é a representação exterior do seu silêncio. Mesmo aqueles que são apenas iniciantes nesse árduo caminho aprendem a desconfiar do véu da linguagem. (STEINER, 1988, p. 31)

Essa retirada torna-se, ainda, inevitável, pela necessidade do homem de compreender aquilo que as palavras não dão conta de explicar. Corroborando a ideia de Steiner (1988), de que somente rompendo com as barreiras da linguagem, muitas vezes, é que a compreensão acontece, Orlandi (1997) considera o silêncio repleto de sentido; o ato de silenciar-se depreende significados que, no plano da palavra, são inatingíveis.

Sujeito suspenso e refém dessa angústia da espera, Ulume, na sua condição fronteiriça de existência, deposita em Munakazi - jovem que lhe foi revelada pelo estouro de uma granada - a esperança reinante de um tempo posterior àquele em que nada era passível de sentido. A subida ao monte e, principalmente, a paragem do tempo – suspensão do sujeito – repercute, na obra *Parábola do Cágado Velho*, a busca por “reaquilatar os conflitos da realidade angolana, cujas identidades, em grande parte, se diluíram, tendo em vista a perda da memória cultural por tantas lutas e contradições que deixaram no esquecimento a sabedoria dos mais velhos” (SECCO, 2009, p. 161). A cena da granada é essa representação, aos olhos de Ulume, da sabedoria ancestral, de “um tempo anterior a tudo” (PEPETELA, 2005, p. 11).

Desse modo, tendo ele confidenciado a sua esposa a *necessidade* de Munakazi, de se reconectar ao sonho e a uma liquidez do discurso fundador – voltando à ancestralidade – Ulume, apoiado pela primeira esposa, lança-se ao encontro da jovem, o que parece lhe trazer certo alento para a alma em conflito.

Ulume combinou uma conversa com o pai de Munakazi a sós, na sua residência. Este recebeu o pedido de casamento com benevolência, se conheciam a muitos anos. E uma vitela era um bom alembamento, nos tempos de miséria e insegurança que corriam. Sobretudo se acompanhada de cinco cabritos, a pagar quando o pretendente reconstituísse o rebanho. Também o maluvo que Ulume levava tinha muito boa qualidade, aquecia os corações e tornava-os mais receptivos a pedidos do género. (PEPETELA, 2005, p. 38)

Embora soubesse que, naquele instante, não encontraria as repostas buscadas, o monte era para Ulume o seu manto protetor, onde a cissura do verbo não lhe alcançava. E, muito além de pensar na própria situação com Munakazi, os ruídos da guerra acompanhavam seu pensamento. O silêncio era ali, naquele espaço sagrado, a única forma encontrada de não estremecer diante do medo da existência. A penumbra, que muitas vezes encobria o monte, pairava sobre a sua percepção antagônica da vida no kimbo. As subidas ao monte, como um elo furtivo de retirada da existência humana, representam, pois, uma metalinguagem agonística do que as muitas guerras incitaram na identidade do velho homem e da própria nação angolana. Era ali, no alto do morro, que existia “a gruta de onde todos os dias sai um enorme cágado para beber a água da fonte” (PEPETELA, 2005, p. 9).

Esse cágado, destaca-se, representa a ancestralidade e a sabedoria dos mais velhos, a que Ulume recorre no alto do monte, para onde o homem que olha o mundo se retira. O tempo presente perdura na percepção avessa de Ulume, como um espaço do não dito, de não se reconhecer em meio a um plano suspenso e descontextualizado. A sua humanidade não lhe era tangível, uma vez que os processos históricos que lhe afligiam encontram-se em um plano não linear de compreensão. Para Steiner (1988), pensando na condição desse sujeito histórico que experiencia o constante devir no espaço-tempo, só será possível

formular perguntas precisas sobre a condição do homem liberado e humanizado, quando e se tal condição estiver historicamente próxima, quando o horizonte tiver parado de recuar – uma situação tão nova, tão radical que requer uma completa reorientação da nossa consciência e das metáforas lineares em torno das quais organizamos nosso senso de tempo. (STEINER, 1988, p. 326)

Seguindo, ainda, a ideia de Steiner, percebe-se que o horizonte intangível isola Ulume em seu silêncio e prende-o a uma condição historicamente periférica, em que o tempo dissolve a enigmática apreensão de si. No romance de Pepetela, esse tempo aparece como um elo entre os conflitos que assombraram Angola e a própria constituição dos indivíduos que se erguem sob a égide da (re)significação. Além disso, o tempo figura sob a ideia de perdas e recomeços: a guerra, a fome, a morte por doenças das filhas, a perda dos filhos para ideologias opostas, tudo isso se lança ao olhar de Ulume como uma desavença transversal e

dolorosa. A esperança trazida pelo momento de paz (entreguerras), quando tudo parecia resolvido, instigava, por sua vez, os recomeços.

Steiner (1988, p. 332) afirma que “o romance é um gênero com bases evidentes e concretas na história e na sociedade”. As evidências históricas permeiam a narrativa de Pepetela. Os conflitos armados que surgiram logo após a independência de Angola figuram na narrativa por meio das tantas invasões sofridas pelos kimbos, dilacerando a corporeidade totêmica da sociedade. Em *Parábola do Cágado velho*, é notória a referência aos abalos sistêmicos causados pelas rupturas utópicas que surgiram no pós-guerra, gerando um estado de incompletude, engessado nas personagens que atuam como vetores da notoriedade histórica representada. Sobre essa incompletude, Boaventura de Souza Santos (2010) afirma que elevá-la “ao máximo de consciência possível abre possibilidades insuspeitadas à comunicação e à cumplicidade. Trata-se de um procedimento difícil, pós-colonial e pós-imperial e, em certo modo, pós-identitário” (SANTOS, 2010, p. 87).

Nessa relação pós-colonial, em que a incompletude consciente está inscrita, o sujeito cunha o desejo de se situar no tempo e no espaço, a fim de libertar-se da institucionalização imposta pelo domínio europeu. Assim, “a África pós-colonial é um encaixe de formas, signos e linguagens. Essas formas, signos e linguagens são a expressão do trabalho de um mundo que busca existir por si mesmo” (MBEMBE, 2019, p. 208). E é sobre esse mundo que Ulume reflete, na busca por compreender as contradições que lhe assombam.

O lugar ocupado por Ulume, de um sujeito que reflete sobre a incompletude do ser, lança, ao plano do questionável, interrogações sobre esse novo “eu” que surge em situações dicotômicas entre o sonho e o conflito.

Em se tratando de Pepetela e a *Parábola do Cágado Velho*, o silêncio aparece como forma de reflexão e resistência. Ulume habita o silêncio para compreender o rumo que a vida tem tomado, mas também para buscar soluções para um futuro, que, até então, se mostra incerto. Pepetela, em sua narrativa, traz à tona uma Angola assombrada pelos ruídos distorpes da guerra. A própria ideia de parábola, utilizada no título da obra, remete a uma alegoria do indizível, a uma necessidade de se encontrar respostas em meio a uma nação que está em vias de (re)construção. As subidas de Ulume ao monte refletem essa necessidade da personagem de se reter ao silêncio, de estarrecer perante a passagem do tempo.

O medo do estranho transveste as memórias que o afligem. A personagem vive em um desequilíbrio que transcende o campo do dizível. Habitar o silêncio torna-se, para Ulume, uma forma de compreender as reticências que são denotadas pela guerra. Na narrativa de Pepetela, tem-se, na personagem Ulume, a representação do sujeito africano que ficou

marcado pelo descentramento causado pela política colonial, situando-o em um entre-espaço, consoante Bhabha (2003).

Subir ao monte, nesse sentido, permitia a Ulume a contemplação de um mundo que, para ele, ficou em algum lugar no passado, mas que, ao mesmo tempo, ainda precisa ser compreendido. A invocação do passado, segundo Edward Said (1995, p. 34),

constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas.

Esse mundo passado, o qual Ulume se lança a compreender, difere daquilo que, na sua constituição como sujeito, produz significação. O passado e o presente entrelaçam-se de forma difusa e incerta. Os preâmbulos de uma terra, outrora violentamente ocupada e no espaço presente habitada por Ulume, misturam-se a uma malha diegética corrosiva em um lugar distópico. Desse modo, invocar esse tempo passado, por meio do silêncio e da contemplação, colocam o velho em uma desfronteira tencionada pelo imaginário. Consoante Daniel Conte (2013, p. 10),

como se percebe na atitude do velho, indo contra todos aqueles que diziam que a paragem do tempo era “imaginação só dele” (PEPETELA, 1996, p. 12), há naturalmente constituído um silêncio total para a contemplação do mundo. Talvez por essa sua capacidade de sentar-se sobre o morro e esperar o momento certo da passagem do cágado e o respeito que ele traz pelo animal e a posição que em diversas vezes aparece na obra, sentado sobre os próprios pés, em uma posição de pensador, de ser histórico pensante dentro dos signos que o compõem, talvez, por isso, seja único.

Conte (2013) afirma, ainda, que “Ulume traz em si a completude totêmica necessária ao homem para que ele habite a significação plena de mundo para que o homem saiba entender os contatos silenciosos e partindo deles, jogar-se ao sonho” (p. 11). De tal modo, ao se jogar ao sonho, a personagem vê-se confrontada com a sabedoria do Cágado. Pepetela traz à guisa de discussão questões que, na sociedade, são redirecionadas às tradições africanas, como a sabedoria dos mais velhos, representada pela passagem do cágado, que, ao sair da gruta para tomar água, traz a revelação dos sentidos profundos da existência, os quais Ulume não consegue verbalizar, projetando um rito de passagem do irreal para a lucidez.

Os cágados não trazem perigos e esse era seu conhecido desde sempre. Habitava na gruta perto do sítio onde Ulume todas as tardes se sentava. Passava perto dele para ir beber água onde nascia o regato que dessedentava as suas plantações e os gados e as gentes. Era sempre o primeiro a beber daquela água, a água da criação. Ulume deixava-o beber e voltar

para perto da gruta, onde ficava a comer capim tenrinho. Depois Ulume se levantava e ia também beber água. Estavam estreitamente unidos nesse ritual de serem os primeiros a beber daquele regato. Mas sempre Ulume deixava as primícias para o cágado, nunca se perguntara porquê. Como se cumprisse um cerimonial desconhecido, mas eterno. (PEPETELA, 2005, p. 25)

O silêncio como manifestação de signos não tangíveis ao plano do racional figura, pois, na narrativa de Pepetela como uma nação que não compreende as lacunas espaçadas nas quais a sociedade tem de se erguer. A colonização, para além de ter sido somente um “movimento” de ocupação, transmutou, em Angola, o sentido do verbo *ser*. Nesse contexto, *ser*, *existir* ou *estar* transformaram-se em um cerimonial de transcendência: transcender a dor, as guerras, a identidade estática e fragmentada, transcender a um novo Vale, tal qual Ulume, sem deixar o passado, mas (re)significando-o.

O sol poente – a conclusão

Homi Bhabha, em seu livro *O local da Cultura*, afirma que “é o tropo dos nossos tempos colocar a questão da cultura na esfera do *além*. [...] O “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado...” (BHABHA, 1998, p. 19). Para o filósofo, a marca temporal mais evidente é a necessidade de sobreviver dentro das “fronteiras do presente”. Corroborando a ideia de Bhabha, Franz Fanon, no livro *Pele negra, máscaras brancas*, acentua que “todo o problema humano exige ser considerado a partir do tempo” (FANON, 2008, p. 29). O estar além reflete, nas marcas do tempo presente, a situação de fronteira cunhada pela descentralização do sujeito. Estar além remete à ideia de não pertença ao “agora”, ou seja, viver em uma temporalidade não tangível, em que

inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio século, mas neste *fin de siècle*, encontramos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além”: um movimento exploratório incessante [...]. (BHABHA, 1998, p. 19)

O estar “além” pensado por Bhabha entoa o sentido d’*A Parábola do Cágado Velho*; a passagem do tempo na narrativa sustenta essa afirmação. Ao se analisar a personagem Ulume e todos os caminhos por ela percorridos, é notável a contínua transição entre passado, presente e futuro. Nada é tangível, nada se resolve ou se finda. Toda a situação vivida por Ulume encontra-se em suspenso, em conflito, primeiro, com o interior do sujeito que para, observa o mundo, busca respostas, no silêncio e nas memórias, e, segundo, no exterior bagunçado e

cheio de desorientação, marcado pelo distúrbio causado pelo estar “além”. A trajetória trilhada por Ulume é marcada por uma onda sísmica de atropelos e, consoante Bhabha (1998), “inícios e fins”.

Desde criança, a Munda era, para Ulume, o topo do universo, onde o tempo ditava uma realidade distinta, era o lugar sagrado de reflexão, de compreensão e recolhimento de si, onde o silêncio era habitado. No cume, junto da gruta e do cágado ancestral, Munakazi, por exemplo, foi compreendida e desmistificada. Existia, naquele espaço, uma sabedoria não encontrada em outro ponto. O cágado, por sua vez, era a ancestralidade, a vida sem angústias e o ponto de (re)conexão. Foi dali, também, que as tantas guerras que afligiram e destruíram o kimbo foram testemunhadas. E era para lá que Ulume sempre corria e se isolava, durante o passar dos anos, da sua vida – junto ao envelhecimento – em um ciclo que nunca se fechava, como uma porta sempre entreaberta...

Os ciclos infinitos que marcam a identidade de Ulume elevam-se a uma duplicidade diacrônica representada pelos movimentos sazonais inscritos na narrativa de Pepetela. Primeiro, entra-se em contato com a disparidade entre Ulume e sua relação com o tempo não compreendido, o que o levava constantemente ao cume, em busca de silêncio. Segundo, por conta da sua relação com a tradição, em que a cena da explosão da granada fez o homem enxergar a vida sob outra perspectiva, ao lhe revelar Munakazi, que, anos depois o abandonou, indo em busca da profecia do sonho, rompendo com a tradição. Em seguida, tem-se a dualidade ideológica representada pela briga e partida dos filhos. Por último, e talvez o ponto central da narrativa, Ulume vê-se confrontado consigo mesmo, com a sua angústia e não compreensão da própria vida, dos ruídos deixados pelas tantas guerras e que, de tempos em tempos, eram abafados por uma felicidade clandestina. Os processos sociais encontram-se no âmago da escrita de Pepetela, representados por personagens, como Ulume, que carregam em si as marcas temporais da história e da divisão totêmica desse povo-nação. A realidade histórica é revisitada constantemente, a fim de produzir novas instâncias de significação. O romance de Pepetela, no qual Ulume figura mantendo-se refém das circunstâncias impostas pelas guerras cunhadas ao longo de toda sua vida, estratifica as miudezas talhadas nos entrelugares habitados, em um constante processo de devir social. A identidade do povo-nação, inserida no contexto entreguerras figurado na narrativa, encontrou-se, por muito tempo, de forma estática e fragilizada. Os silêncios impostos pela dura realidade da guerra e da ditadura colonial fizeram com que a memória servisse como um adendo da dor do deslocamento. Essa memória, destaca-se, aflorava a melancolia e trazia, ao centro do pensamento humano, tempos outros, que não representavam a retaliação imagética.

Nesse sentido, o presente edifica-se em sua complexidade justamente pelos ruídos deixados de outros tempos e das muitas guerras. Pelas tantas mudanças colocadas em curso, pela objetificação dos sujeitos e um silenciamento mútuo e doloroso, os indivíduos africanos ficaram submersos no tempo e no espaço. O espaço ocupado pela situação de fronteira é projetado a partir da ideia de não pertença e, principalmente, da cisão de um eu-passado com um eu-futuro, ou seja, um sujeito em construção dentro de um artifício tragicamente complexo no espaço presente. De tal modo, Pepetela projeta, em *Ulume*, essa (des)construção identitária do povo-nação. Como já se percebeu até aqui, a desarticulação das ideias utópicas atreladas ao devaneio social transmutado ao plano da ação narrativa projeta a reflexão sobre “a intolerância e a cultura de exclusão como um dos males que minam a terra angolana e gangrenam o espírito dos homens” (PEPETELA, 2009, p. 193).

O constante andar representa as travessias desordenadas colocadas em curso pelos sujeitos históricos durante o pós-independência de Angola. Situados em pontos “à toa”, no âmago da história da nação, os indivíduos de África fixaram raízes na eventualidade da espera. Trilhando uma história cheia de “inícios” e “fins”, segundo Bhabha (ano), o povo angolano precisou, tal qual os moradores do kimbo de *Ulume*, andar e viver nas margens da história até, de alguma forma, encontrar sossego para as almas entorpecidas pelo silêncio e pela dor. *Ulume*, retirando-se da temporalidade em que estava inscrito, questionava a relativização dos seus dias e do tempo, que não tardava em lhe passar rasteira.

Muitas vezes *Ulume* se interrogava nessas ocasiões mas que sentido tem tudo isso? Sabia ninguém ia responder, o Mário pela sua limitação que o impedia de grandes explicações ou discussões, a mulher muda por estado natural, e a Muari porque há muito deixara de procurar um sentido ao sofrimento. *Ulume* ia falando, falando, muitas vezes interrogando, sabendo perfeitamente que era o cágado que devia ser o questionado, mas substituiu o cágado velho pelo círculo de fantasmas com quem convivia. (PEPETELA, 2005, p. 104)

As interrogações de *Ulume* não cessaram, nem mesmo, durante os tempos em que a bonança era vivenciada. O sofrimento que a falta de respostas causava era enaltecido pelos fantasmas que rondavam a vida do velho homem e se presentificaram como sombras de um passado que voltava a assombrar. Depois de longa lacuna temporal, os abismos existenciais fizeram *Ulume* se reencontrar com o passado, por meio de reencontros furtivos e pálidos.

O primeiro reencontro foi com Luzolo, o filho mais velho, que, depois de ficar escondido na mata por um breve período, apareceu no kimbo para (re)começar a vida, com sua mulher e os filhos. O encontro com Kanda, o filho mais novo, foi aos tropeços. Kanda vivenciava, ainda, a guerra – fora tomado por ela e não sabia se desvencilhar. *Ulume* procurou-o com a prerrogativa da reconexão. Encontro infeliz! Além de perceber que o filho mais

novo era oficial superior e não abandonaria a arma de fogo tão cedo, o velho viu-se envolto em mais angústias, pois não sabia mais o que pensar, em quem acreditar. As desavenças ideológicas fizeram Kanda e Luzolo inimigos, para além do sentido humano. Ulume, o homem silenciado pelos fantasmas que o tempo lhe incumbiu de aceitar, demonstra toda a sua aflição e desilusão ao questionar o filho kanda, de forma até irônica, sobre a guerra:

— Tu sempre foste esperto, por isso podes me explicar. Quem ganhou com esta guerra? Tu talvez tenha ganho, pelo menos parece pelo aspecto. O teu irmão não tem nada. Quem ganhou, eu não sei. Quem perdeu, isso eu sei, fomos nós todos. (PEPETELA, 2005, p. 113)

Ao fazer esse questionamento, Ulume interroga a moralidade do sujeito, desarticulado pelas tantas guerras que se perderam nos rastros do tempo. Esse questionamento sobre o sentido da guerra, cunhada por disputas de exclusão, evidencia um movimento de recondução das interrogações que afligem Ulume, ao plano imagético do social, da própria nação. Achille Mbembe (2019, p. 211) afirma que com “essas disputas surgiram novos imaginários do Estado e da Nação”, ou seja, a estratificação da sociedade resultou em um desequilíbrio étnico e identitário irreversível.

Indubitavelmente, o romance de Pepetela discorre justamente sobre esse desequilíbrio causado para que, com isso, seja possível compreender os caminhos percorridos pelo povo-nação até o momento atual. Assim, o sujeito, por meio da “quebra” dos silêncios, (re)conduz e (re)significa os entrecruzamentos em que está inserido.

Como último suspiro da alma, Ulume recorre ao velho cágado, que, após toda uma vida, pela primeira vez, olha para ele, o que representava muito! No momento da mudez, com a paragem do tempo e o silêncio rompendo a barreira da razão, o homem e o cágado comunicam-se, por olhares e silêncios. Tentando encontrar respostas para os confrontos da sua vida – a briga dos filhos, retorno afrontoso da segunda esposa e as suas inconstâncias –, Ulume depara-se com a resposta silenciosa do cágado.

O animal continuava parado, olhando para ele, enquanto lá fora, lá à volta deles, o Sol dardejou amarelo-violetas de maneira especial para a Lua e o silêncio absoluto se instalou. Ulume sentiu a angústia muito menor que das outras vezes, mas ela existia para ele perceber que se tratava mesmo do fim do tempo. E tudo parou, os ruídos, o mundo, havendo só a luz do azul. E o cágado velho à sua frente, que baixou e levantou a cabeça três vezes, num sinal inconfundível de afirmação. De repente, tudo voltou ao normal e o cágado recomeçou a sua marcha a caminho da fonte. O tempo retomara o seu poder. (PEPETELA, 2005, p. 125)

O tempo retomou o seu curso anterior a tudo, projetou um novo ciclo na vida da personagem, assim como o faz a literatura de Pepetela, que projeta vida nova, longe dos silêncios impostos pela dureza do colonialismo. Assim o faz, também, cada indivíduo

africano que se ergue nos interstícios dos entre-espacos habitados. Não se pode resolver os problemas do mundo, mas tal qual o sol poente, que tende a brilhar com a chegada de um novo amanhecer, o horizonte de Ulume pode ser visto para além das montanhas da utopia. A vida, agora, parecia ter sentido de novo. Afinal, os ciclos nunca são eternos, eles só mudam a alma de lugar!

THE ALLEGORY OF ULUME: MEMORY THAT RUNS, TIME THAT TRANSCENDS

ABSTRACT: In the ambit of postcolonial studies, African literatures written in Portuguese have been highlighted precisely for giving voice to those who for a long period lived in a silence imposed by colonialist policy. African literatures, through writers like Pepetela, for example, have played the role of re(constructing) and (re)organizing the historicity of the former colonies. As a field of analysis, the narrative “Parábola do Cágado Velho” by Pepetela was used, aiming to establish a relationship of meaning between history and memory and, thus, to verify how the representation of the events of history takes place, as well as, the construction of memory, identity and its relationship with silence.

KEYWORDS: Africa; Identity; Literature; Time

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. O Bazar Global e o Clube dos Cavalheiros Ingleses. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- _____. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CONTE, Daniel. Um Olhar sobre o Silêncio de Ulume N’A Parábola do Cágado Velho. In: _____. Literatura em Debate. N. 13, Frederico Westphalen: 2013.
- FANON, Franz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008
- MBEMBE, Achille. O sair da grande noite. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- ORLANDI, Eni, Puccinelli. As Formas do Silêncio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PEPETELA. Parábola do Cágado Velho. Lisboa: Dom Quixote, 2005.
- SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.
- _____. Cultura e imperialismo. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- _____. Representações do intelectual: As Conferências Reith de 1993. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: por uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. Na curva Oblonga do Tempo, Uma Alegórica Parábola... In: _____. Rita Chaves, Tânia Macêdo (org.) Portanto, Pepetela. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

STEINER, Georg. *Linguagem e Silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TODOROV, Tzvetan. *A descoberta da América In: _____*. *A conquista da América: a questão do outro*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebido em: 17/11/2021.

Aprovado em: 14/12/2021.